

AFRONEUROARQUITETURA®: ENTRE CORPO E TERRITÓRIO, O BEM-ESTAR COMO ENCRUZILHADA DE SABERES

Inaha Ribeiro da Paz – Pesquisadora independente (Salvador-BA, Brasil)

E-mail: inahapaz.arq@gmail.com

I Simpósio Diálogos Afrodiaspóricos (evento online) – 26 a 30 de janeiro de 2026 - Eixo temático 4: Corpo, gênero e subjetividades. Justificativa do eixo - Apesar de se conectar de maneira interseccional com os eixos (1. Cultura e Sociedade, 3. Espiritualidade e Religiosidade e 5. Estética e Arte ancestral), a pesquisa investiga o bem-estar espacial como experiência racializada, articulando neurociências e ciências sociais para compreender como o racismo estrutura subjetividades negras (vigilância/descanso, pertencimento/ameaça) e como essas modulações se atualizam na relação corpo–ambiente.

INTRODUÇÃO: A AfroNeuroArquitetura® propõe uma inflexão contracolonial na Neuroarquitetura ao recusar a figura do “usuário padrão” e afirmar que bem-estar espacial é experiência situada e racializada. Se ambientes modulam estados internos por vias sensoriais e cognitivas antes da nomeação consciente (STERNBERG, 2010), é decisivo perguntar quem foi considerado na definição de conforto, calma e pertencimento. Em sociedades racializadas, o corpo negro é socialmente lido e posicionado antes mesmo da fala, reorganizando vigilância, autocontenção e possibilidade de repouso.

OBJETIVOS: (1) fundamentar a AfroNeuroArquitetura® como campo de pesquisa afroreferenciado; (2) articular respostas neuropsicofisiológicas ao ambiente (atenção/alerta/repouso) com subjetividade negra e efeitos psicossociais do racismo; (3) sistematizar princípios afroreferenciados (ancestralidade, circularidade, comunidade/comum, memória, espiritualidade e reencantamento) como gramática do bem-estar.

METODOLOGIA: Revisão bibliográfica crítica e interdisciplinar em três eixos: (a) neuroarquitetura, psicologia/saúde ambiental e não-neutralidade do espaço; (b) racialidade, subjetividade negra e produção do “humano” (FANON, 2008); (c) epistemologias afroreferenciadas (África e diásporas), amefricanidade e quilombismo como ética e tecnologia social do cuidado (NASCIMENTO, 2019; GONZALEZ, 2020). Como estratégia exploratória, mobiliza-se Salvador (BA) por escalas (micro/meso/macro) para qualificar categorias como pertencimento, vigilância/descanso e legibilidade ambiental em áreas de uso cotidiano e em zonas atravessadas por turistificação.

RESULTADOS ESPERADOS: (i) definição conceitual inicial da AfroNeuroArquitetura® e de suas categorias analíticas; (ii) deslocamento ético do debate de bem-estar, tornando explícitas modulações raciais na experiência espacial; (iii) contribuição para práticas arquitetônicas comprometidas com presença, dignidade e possibilidade de descanso, entendendo reencantamento como dimensão do cuidado no habitar.

REFERÊNCIAS:

FANON, Frantz. *Pele negra, máscaras brancas*. Rio de Janeiro: Fator, 2008.

GONZALEZ, Lélia. *Por um feminismo afro-latino-americano*. Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

NASCIMENTO, Abdias. *O quilombismo: documentos de uma militância pan-africanista*. São Paulo: Perspectiva, 2019.

STERNBERG, Esther M. *Healing spaces: the science of place and well-being*. Cambridge, MA: Belknap Press, 2010.

SUSSMAN, Ann; HOLLANDER, Justin. *Cognitive architecture: designing for how we respond to the built environment*. 2. ed. London: Routledge, 2021.